

patia, no olhar de quantos me defrontavam. Ouvia frases soltas, relativamente aos círculos carnaís, e, contada em nenhuma palestra notei o mais ligeiro laivo de malícia ou de acussação aos homens. Discutia-se o amor, a cultura intelectual, a pesquisa científica, a filosofia edificante, mas todos os comentários tendiam à esfera elevada do auxílio mútuo, sem qualquer atrito de opinião. Observei que, ali, o mais sábio restringia as vibrações de seu poder intelectual, ao passo que os menos instruídos elevavam, quanto possível, a capacidade de compreensão, para absorver as dádivas do conhecimento superior. Era para palestras numerosas, recolhia referências a Jesus e ao Evangelho, e, no entanto, o que mais me impressionava era a nota de alegria reinante em todas as conversações. Ninguém recordava o Mestre com as vibrações negativas da tristeza inútil, ou do injustificável desalento. Jesus era lembrado por todos como supremo orientador das organizações terrenas, visíveis e invisíveis, cheio de compreensão e bondade, mas também conciente da energia e da vigilância necessárias à preservação da ordem e da justiça.

Aquela sociedade otimista encantava-me. Diante dos olhos, tinha concretizadas as esperanças de grande número dos pensadores verdadeiramente nobres, na Terra. Grandemente maravilhado com a música sublime, ouvi Lísias dizer:

— Nossos orientadores em harmonia, absorvem raios de inspiração nos planos mais altos e os grandes competores terrestres são, por vezes, trazidos às esferas como a nossa, onde recebem algumas expressões melódicas, transmitindo-as, por sua vez, aos ouvidos humanos, aderando os temas recebidos com o genio que possuem. O Universo, André, está cheio de beleza e sublimidade. O facho resplendente e eterno da vida procede originariamente de Deus.

O enfermeiro do Auxílio, todavia, não pôde continuar.

Fôramos defrontados por gracioso grupo. Lascínias e as irmãs haviam chegado e era preciso atender aos imperativos da confraternização.

XLVI

SACRIFICIO DE MULHER

Um ano se passou em trabalhos construtivos, com imensa alegria para mim. Aprendera a ser útil, encontrara o prazer do serviço, experimentando crescente júbilo e confiança.

Até ali, não voltara ao lar terrestre, apesar do imenso desejo que me espicava o coração. Às vezes, tentava pedir concessões, nesse particular, mas alguma coisa me tolhia. Não recebera auxílio adequado, não contava, ali, com o carinho e apreço de todos os companheiros? Reconhecia, portanto, que, se houvesse proveito, de há muito teria sido encaminhado ao velho ambiente doméstico. Cumpris, pois, aguardar a palavra de ordem. Além disso, não obstante desdobrar atividades na Regeneração, o Ministro Clarencio continuava a responsabilizar-se pela minha permanência na colônia. A senhora Laura e o próprio Tobias não se cansavam de me lembrar esse fato. Por diversas vezes tinha defrontado o generoso Ministro do Auxílio e no entanto, mantinha-se ele sempre silencioso sobre o assunto. Aliás, Clarencio nunca modificava a atitude reservada, no desempenho das obrigações concernentes à sua autoridade. Apenas pelo Natal, quando me encontrara nos festejos da Elevação, tocara levemente no assunto, adivinhando-me as saudades da esposa e dos filhinhos. Comentara as alegrias da noite e asseverara não andar longe o dia em que me acompanharia ao ninho familiar. Agradei, comovida-

mente, esperando, cheio de bom ânimo. Entretanto, chegaram setembro de 1940, sem que visse a realização de meus desejos.

Confortava-me, porém, a certeza de haver preenchido de todo meu tempo nas Camaras de Retificação, com serviço útil. Não descansara. Nossas tarefas prosseguiram sempre, sem solução de continuidade.

Habituei-me a cuidar dos enfermos, a interpretar-lhes os pensamentos. Não perdia de vista a pobre Elisa, encaminhando-a, de maneira indireta, a melhores tentativas.

A medida, porém, que se consolidava meu equilíbrio emocional, intensificava-se-me a ansiedade de rever os meus.

A saudade doia fundo. Em compensação, de longe em longe, era visitado por minha mãe, que nunca me abandonou à própria sorte, embora permanecesse em círculos mais altos.

A última vez que nos avistáramos, ela me disse que tentava cientificar-me de projetos novos. Aquela atenção maternal de suave conformação nos sofrimentos promais que lhe feriam a alma sensível, comovera-me profundamente. Que novas resoluções teria tomado? Intrigado, esperei-lhe a visita, ansioso de conhecê-la e planos.

Com efeito, nos primeiros dias de setembro de 1941, minha mãe veio às Camaras e, depois das saudações carinhosas, comunicou-me o propósito de voltar à Terra. Em tom afetuoso, explicou o projeto. Mas, surpreendido e revoltado com semelhante decisão, protestei:

— Não concordo. Voltar a senhora à carne? Por que? Internar-se, de novo, no caminho escuro, sem necessidade imediata?

Mostrando nobre expressão de serenidade, minha mãe ponderou:

— Não consideras a angustiosa condição de teu pai, meu filho? Ha muitos anos, trabalho para reerguê-lo e meus esforços têm sido improficuos. Laerte é hoje um cético de coração envenenado. Não poderia persistir em semelhante posição, sob pena de mergulhar em abismo

mais fundos. Que fazer, André? Terias coragem de revê-lo em tal situação, esquivando-te ao socorro justo?

— Sim — respondi impressionado — trabalharia por auxiliá-lo; mas a senhora poderá ajudá-lo mesmo daqui.

— Não duvido. No entanto, os espíritos que amam, verdadeiramente, não se limitam a estender as mãos de longe. De que nos valeria toda a riqueza material, se não pudessemos estendê-la aos entes amados? Poderíamos, acaso, residir num palácio, relegando os filhinhos à intempérie? Não posso ficar a distancia. Já que poderei contar contigo aqui, doravante, reunir-me-ei à Luísa a fim de auxiliar teu pai a reencontrar o caminho certo.

Pensei, pensei, e redargui:

— Insistiria, no entanto, com a senhora. Não haverá meios de evitar essa contingência?

— Não — não seria possível. Estudai detidamente o assunto. Meus superiores hierárquicos foram acordes no conselho. Não posso trazer o inferior para o superior, mas posso fazer o contrário. Que me resta senão isso? Não devo hesitar um minuto. Tenho em ti o amparo do futuro. Não te percas, pois, meu filho, e auxilia tua mãe, quando puderes transitar entre as esferas que nos separam da crosta. Entrementes, zela por tuas irmãs, que talvez ainda se encontrem nas sombras do Ubral, em trabalho ativo de purgação. Estarei novamente no mundo, em breves dias, onde me encontrarei com Laerte para os serviços que o Pai nos confiar.

— Mas — indaguei — como se encontra ele com a senhora? Em espírito?

— Não — disse minha mãe com significativa expressão fisionômica. — Com a colaboração de alguns amigos, localizei-o na Terra, a semana passada, preparando-lhe a reencarnação imediata sem que ele nos identificasse o auxílio direto. Quis fugir das mulheres que ainda o subjugam, talvez com razão, e aproveitei-me dessa disposição, para jungi-lo à nova situação carnal.

— Mas isso é possível? E a liberdade individual?

Minha mãe sorriu algo triste e obtemperou:

— Há reencarnações que funcionam como drásticos. Ainda que o doente não se sinta corajoso, existem amigos que o ajudam a sorver o remédio santo, embora muito amargo. Relativamente à liberdade irrestrita, a alma pode invocar esse direito sómente quando compreenda o dever e o pratique. Quanto ao mais, é indispensável reconhecer que o devedor é escravo do compromisso assumido. Deus criou o livre arbítrio, nós criamos a fatalidade. E' preciso quebrar, portanto, as algemas que fundimos para nós mesmos.

Enquanto me perdia em graves pensamentos, continuou ela retomando as anteriores observações:

— As infelizes irmãs que o perseguem, entretanto, não o abandonam, e, não fôsse a Protecção Divina por intermédio de nossas guardas espirituais, talvez lhe subtraíssem a oportunidade da nova reencarnação.

— Deus meu! — exclamei. — Será então possível? Estamos á mercê do mal até esse ponto? Simples joguetes em mão dos inimigos?

— Essas interrogações, meu filho — esclareceu minha progenitora, muito calma — devem pairar em nossos corações e em nossos lábios, antes de contrairmos qualquer débito, e antes de transformarmos irmãos em adversários para o caminho. Não tomes empréstimo á maldade...

— E essas mulheres? — indaguei. — Que será feito dessas infelizes?

Minha mãe sorriu e respondeu:

— Serão minhas filhas daqui a alguns anos. E' preciso não esqueceres que irei ao mundo em auxílio de teu pai. Ninguém ajuda eficientemente, intensificando as forças contrárias, como não se pode apagar na Terra um incêndio com petróleo. E' indispensável amar, André. Os que descreem perdem o rumo verdadeiro, peregrinando pelo deserto; os que erram se desviam da estrada real, mergulhando no pantano. Teu pai é hoje um cético e essas pobres irmãs suportam pesados fardos na lama da ignorância e da ilusão. Em futuro não distante, colo-

carei todos eles em meu regaço materno, realizando minha nova experiência.

E, olhos brilhantes e húmidos, como se estivesse a contemplar horizontes do porvir, rematou:

— E mais tarde... quem sabe? talvez regressa a "Nosso Lar", cercada de outros afetos sacrossantos para uma grande festividade de alegria, amor e união...

Identificando-lhe o espírito de renúncia, ajoelhei-me e beijei-lhe as mãos.

Desde aquela hora, minha mãe não era apenas minha mãe. Era muito mais que isso. Era a mensageira do amparo, que sabia converter verdugos em filhos do seu coração, para que eles retomassem o caminho dos filhos de Deus.